

## ***TIMELINE* DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE PSICANÁLISE: MEMÓRIA COLETIVA E IDENTIDADE<sup>1</sup>**

*Ana Belchior Melícias<sup>2</sup>*

*Não existe fim, não existe início, apenas a infinita  
paixão da vida.*

(Federico Fellini)

A Psicanálise esclareceu de forma decisiva que sem acesso ao nosso passado temos dificuldade de viver o presente e de sonhar o futuro.

Início pelos gregos... Para eles, a memória era um dom sobrenatural personificado numa divindade, a deusa Mnemosine, que deu nome a muitos objetos e conceitos para que os mortais se entendessem enquanto conversavam. Filha de Urano (o Céu) e de Gaia (a Terra), uniu-se com o seu sobrinho Zeus, que se apresentou disfarçado de pastor por nove noites consecutivas. Depois de um ano, Mnemosine deu à luz as nove musas.

As musas — a palavra museu daqui decorre — eram entidades que permitiam aos poetas lembrar o passado e inspiravam a criação artística ou científica. Que elas nos “abensonhem” no esforço de registar

<sup>1</sup> Baseado na Conferência apresentada em 13 de outubro de 2023, na mesa “Outrora, construindo a história” do XXXI Colóquio SPP – *Outrora Agora*, coparticipada por Virginia Ungar e Jaime Milheiro (*online*) e comoderada por Rita Gameiro e Ana Luísa Ferreira.

<sup>2</sup> Psicanalista da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Psicanalista da Criança e do Adolescente (COCAP). Formadora do Instituto de Psicanálise. Cofundadora do Blog Cinema & Psicanálise. Editora da Freud & Companhia. Cofundadora e Presidente da Associação Portuguesa de Observação de Bebés – Método Bick (APOBB). Autora de diversos livros e artigos de Psicanálise. Ganhou o Prémio Rebeca Grinberg (Accésit da II Edição) da Associação Psicanalítica de Madrid (APM) em 2019. *E-mail*: mail@anamelicias.com

o longo trajeto do passado científico da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP), ao celebrar a memória e o fio da história que nos traz do Outrora ao Agora, e nos lança ao Futuro, no *working-through* contínuo do conhecimento.

Do Outrora grego, passo para o Agora Freud. Agora, pois a Psicanálise, entre ciência e arte, não tem parado de se desenvolver e expandir, o que revela a sua vitalidade.

A teoria, a clínica e o próprio movimento psicanalítico parecem constituir-se numa ciência da memória, da lembrança, do arquivo, mas simultaneamente do recalque, da negação, da destruição e do apagamento que transgeracionalmente a fundam e norteiam a sua existência e história.

Podemos dizer que para Freud o binómio lembrança/esquecimento foi transversal a toda a sua obra, nas complexas e ricas dinâmicas da subjetividade, articulando inconsciente/consciente e pulsão de vida/pulsão de morte com os seus inumeráveis arranjos. Apresenta o funcionamento do esquecimento: pelo recalque original, ligado aos fenómenos da não-representação; pelos recalques passíveis de rememoração; pela amnésia infantil implicada no processo edípico e, mais tarde, pela compulsão à repetição onde o agir toma o lugar do pensar.

Como lembramos, o que lembramos, como esquecemos e o que esquecemos?

Não cabendo aqui um debate mais aprofundado sobre as “tramas de Mnemosine”, como nos propõe Casanave (2008), passamos ao campo social (Gondar, 2015), onde o debate se centra inevitavelmente nas perspetivas e nas narrativas históricas sempre múltiplas e subjetivas, pois dependem de quem as relembra ou vivencia, havendo sempre uma tensão entre a memória coletiva e a memória individual.

A memória individual está nas histórias de vida, nas biografias e autobiografias, que são ao mesmo tempo memória coletiva da lembrança partilhada nos grupos sociais. E qualquer tipo de conhecimento ou arte advém de uma construção coletiva que permite à memória manter-se viva e, simultaneamente, alicerça a própria memória coletiva no alargamento do património da humanidade.

A memória é, assim, um entrelaçamento entre o individual, o social e o cultural, dimensões que se reforçam mutuamente, criando e sustentando as identidades individuais e coletivas. Essas memórias convivem

entre si, e se, por um lado, somos atores ativos na sua construção, somos também passivos na sua receção, nem sempre consciente.

Celebramos a memória coletiva, a efeméride dos 50 anos da fundação da SPP no dia 24 de fevereiro de 1973. Cerca de um ano depois, deu-se o 25 de Abril de 1974, confirmando-se este elo histórico: a Psicanálise só floresce quando há liberdade, e a liberdade, acima de tudo interna — de sermos quem somos, de pensarmos e de criarmos/ /sonharmos —, é justamente ao que a Psicanálise nos convoca.

Todos sabemos que a história pode ser esquecida, negada, manipulada, branqueada, deturpada e interpretada de múltiplos ângulos, e que a verdade é filha do tempo — *veritas filia temporis*. Só com a passagem do tempo adquirimos uma alargada perspetiva e uma maior e progressiva aproximação à verdade.

As efemérides corporificam justamente a passagem do tempo, permitindo-nos também assinalar que não nascemos de geração espontânea, como os nossos narcisismos podem ser tentados a supor. Estamos ligados à nossa ancestralidade e aos que vieram antes de nós, devemos gratidão pela luta, esforço e dedicação, pois desse “sangue, labuta, lágrimas e suor”, como dizia Churchill, somos usufrutuários.

Fazemos assim uma justa homenagem a todos os que nos precederam e lutaram em Portugal pela Psicanálise, desde a sua pré-história até à sua origem propriamente dita, envolvida ainda nos tempos sombrios da ditadura.

Mas como relacionar memória e espaço? Seemann (2002) diz que “a geografia pode dar uma contribuição valiosa para trabalhar com o espaço e a memória simultaneamente a partir de duas abordagens: o mapa como ponto de partida para lembrar acontecimentos do passado e a espacialização da memória através de desenhos que podem servir como narrativas” (p. 43).

Para reconstruir o passado no tempo e no espaço, mas acima de tudo para mapear e espacializar a memória, foi investigada a história e desenhada graficamente a “Timeline da Sociedade Portuguesa de Psicanálise” (Melícias, 2009), apresentada em placares no Colóquio Morrer de Vida e oferecida à SPP num momento de grandes ruturas e perdas decorrentes de uma profunda cisão no seu interior. Uma linha do tempo, uma narrativa coletiva de coesão da identidade de grupo, funcionou simultaneamente como pele institucional agregadora frente

à fragmentação, mas também como manifesto da história e daquilo que os pioneiros e todos os membros da SPP tinham já coconstruído. De lá para cá, os placares da *Timeline* instalados na sede passaram a fazer parte da vida da Sociedade. A pedido da Direção foi atualizada duas vezes: dez anos depois, em 2019, e na terceira edição, de 2023, para celebrar efeméride dos 50 anos da fundação da SPP.

Convidamos quem quiser consultá-la a visitar o *website* da SPP ou diretamente o *link* <https://sppsicanalise.pt/wp-content/uploads/2024/09/timeline3-1.pdf>.

Este desenho esquemático da linha do tempo remete para um trajeto bem mais longo do que os 50 anos, pois a história remonta já a 77 anos, com a partida para Paris, em 1946, de um dos três fundadores — João dos Santos — para fazer a sua formação analítica, seguindo depois Francisco Alvim e Pedro Luzes para a Suíça.

Com a *Timeline* atualizada festejamos os 50 anos da fundação da SPP, honramos os que nos antecederam, fazendo jus ao seu trabalho, preservando a história que construíram e mantendo a luta para que a casa seja cada vez mais de todos e a história seja efetivamente coletiva.

Espacializando a memória coletiva, os vários quadros da *Timeline* mapeiam e narram os momentos-chave da evolução:

- Em 1957, constitui-se o Grupo de Estudos Luso-Espanhol.
- Em 1959, cria-se a Sociedade Psicanalítica Luso-Espanhola.
- Em 1967, nasce o Grupo de Estudos Português.
- Em 1973, é fundada a Sociedade Portuguesa de Psicanálise.
- Em 1977, torna-se Sociedade Provisória reconhecida pela IPA.
- E em 1981, torna-se de facto e de direito Sociedade Componente da IPA.

Atualmente, a SPP é constituída por cerca de 250 sócios: 2 honorários, 22 titulares, 75 associados — destes, 19 psicanalistas da criança e do adolescente — e ainda 147 candidatos, uns mantendo-se como candidatos, outros já ativos e em formação, espelhando-se deste modo a vitalidade da SPP.

Resumidamente, homenageamos hoje com gratidão:

- Os pioneiros, pela sua luta e paixão.
- Os analistas internacionais, que colaboraram ativamente para a formação dos analistas portugueses e também para a implementação da formação de psicanalistas da criança e do adolescente, uma segunda

formação específica e exigente, cuja implementação traçou um importante percurso na história.

— Os presidentes e vice-presidentes da SPP e suas Direções eleitas.

— A fundação e os presidentes dos Institutos de Lisboa e, mais tarde, do Porto e suas Direções.

— A Revista Portuguesa de Psicanálise (RPP) e os seus diretores, diretores-adjuntos e equipas editoriais, pois são o órgão científico vital de uma sociedade no campo científico.

— A International Psychoanalytical Studies Organization (IPSO), como organização dos candidatos e lugar fecundo de trocas internacionais — e através dela, todos os candidatos, por neles estar a continuidade e a responsabilidade pelo futuro da psicanálise.

— Homenageamos ainda os analistas e colegas que já partiram, uns no seu tempo natural, outros antes do tempo e a sua ausência mantém-se muito presente...

Espacialmente, na sua totalidade, conseguimos aperceber-nos da enorme evolução e das contribuições cada vez mais alargadas de muitos sócios, das participações cada vez mais consistentes e regulares a nível nacional, com os Colóquios, Simpósios, Encontros de Psicanálise, Jornadas Internas e Jornadas Clínicas.

E a nível internacional, a participação crescente de sócios em Congressos Internacionais, com os Congressos Ibéricos e, mais tarde, as Jornadas Ibéricas, com os Congressos Luso-brasileiros e, mais tarde, de Psicanálise de Língua Portuguesa, assim como o diálogo permanente com a cultura espelhado nos Colóquios do Porto de Psicanálise e Cultura e no aprofundamento do intercâmbio com a comunidade que a pandemia da Covid-19 ajudou a acentuar, como a criação de linhas de apoio à comunidade e de *webinars*, para não se paralisar ou isolar.

Vale também referir aquilo que não cabe: as inúmeras conferências e sessões científicas; os nomes de todos os que participam na organização de atividades, das redes sociais, do *website*, do *blog*, da biblioteca, das tertúlias, das formações externas, dos fóruns; os múltiplos artigos científicos e capítulos de livros, destacando apenas, à laia de ilustração, um quadro com os livros de sócios.

Temos momentos partilhados de alegria. Estivemos por 45 anos na sede da Av. da República; e em 2022, inaugurámos a nova sede, depois de três anos de trabalho intenso e dedicado nesse sentido.

Não negamos ainda os momentos difíceis, com a cisão de 2008 e a crise institucional de 2022 — para nós, psicanalistas, momentos de clara evolução.

Questionei recentemente no *blog* da SPP se existiria o humano sem conflito? (Melícias, 2023). Se poderemos (con)viver sem crise? Como nos desenvolveríamos sem confrontação? O que fazer dessa oscilação inconciliável entre os vínculos L (*love*) e H (*hate*)? Bion apontou a saída pelo K (*knowledge*), sendo esse o nosso instrumento de trabalho. Expulsos do paraíso, teremos de aprender a tolerar o conflito, a ambivalência e a incerteza, pois o antagonismo não é nem destrutivo nem construtivo em si mesmo, mas um dos elementos da evolução e, como parte integral dos sistemas, não pode ser eliminado.

A *Timeline* talvez nos ajude a avivar a consciência da contribuição de cada membro evitando a tentação da criação de “dinastias” com a respetiva corte em retroalimentação, negando ao corpo coletivo o saudável e necessário espaço de abertura, de diversidade e de conflito.

E poderá, além disso, amenizar a tentação de “fulanização” da instituição nas pseudoapropriações, seja de ideias, seja do poder, como aliás parece vir a acontecer no movimento psicanalítico, transgeracionalmente, desde Freud.

A *Timeline* apresenta-se como narrativa-figurada, pele ou envelope do corpo institucional em expansão e desenvolvimento dinâmico, uma vez que “a nossa identidade é narrativa: faz-se, desfaz-se, refaz-se... E isto acontece na evolução, com os indivíduos, com os grupos, com os povos” (Borges, 2011).

A história é obviamente bem mais longa, alicerçada na paixão e no incontável trabalho e criatividade de muitos. O pouco enunciado já é representação visível do legado às gerações mais jovens, a quem deixo as palavras de Nise da Silveira (citada por Melo, 2022): “Não se curem além da conta. Gente curada demais é gente chata. Todo mundo tem um pouco de loucura [...] É necessário se espantar, se indignar e se contagiar, só assim é possível mudar a realidade...”

E termino com uma história sobre a vivência do tempo, não só espacialmente, mas refletida na própria linguagem e conceção dele, sobre a qual escrevi em 2016 para o Colóquio do Porto – Psicanálise e Cultura — Encontros com o Tempo. Para os *Aymara*, povo anterior aos incas, de tradição oral, que habita os Andes há mais de 15 000

anos, o tempo corre no sentido inverso ao nosso: a partir de um ponto na frente deles (o passado), atravessa o lugar onde estão (o presente) e recua para trás (o futuro).

Esta vivência do tempo está absolutamente de acordo com a Psicanálise: caminhamos de frente para o passado, e o futuro, nas nossas costas, é incerto e desconhecido. Só podemos avançar se estivermos de frente para o passado, a construir juntos o Outrora sempre Agora, ao qual poderíamos também chamar, com Krenak (2022), um “Futuro Ancestral”.

## REFERÊNCIAS

- Borges, A. (2011, 19 de novembro). Crises e oportunidades. *Diário de Notícias*. [https://www.dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/crises-e-oportunidades-\(1\).html](https://www.dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/crises-e-oportunidades-(1).html)
- Casanave, C. M. I. de L. (2008). *As tramas de mnemosine: A memória nos primórdios da teoria freudiana*. [Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.]. Repositório da Unicamp. <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=497011>
- Gondar, J. (2015). Memória individual, memória coletiva, memória social. *Revista Morpheus – Estudos Interdisciplinares em Memória Social*, 7(13). <https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4815>
- Krenak, A. (2022). *Futuro ancestral*. Companhia das Letras.
- Melícias, A. B. (2023, 21 de setembro). Um beco sem saída é apenas um bom lugar para dar a volta. *Blogue da Sociedade Portuguesa de Psicanálise*. <https://sppsicanalise.pt/um-beco-sem-saida-e-apenas-um-bom-lugar-para-dar-a-volta/>
- Melo, Alexandre (2022, 26 de maio). Quem foi Nise da Silveira? *Revista Cult*. <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-foi-nise-da-silveira/>
- Seemann, J. (2002). O espaço da memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. *Revista da Casa da Geografia de Sobral*, 4(1), 43-53. <https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/77>